

CIC – CAXIAS DO SUL

CONSELHO TEMÁTICO DE ECONOMIA E FINANÇAS

Ata de Reunião

Data: 12/Julho/2011

Presentes: Conselheiros – Alexander Messias, Carlos Zignani, Herbert Karly, Joarez Piccinini, M. Carolina Gullo, Mauro Corsetti.

Assessora – Nara Panazzolo.

1. Projeto “Pensando o Futuro”:

A idéia de realizar um debate sobre as questões relativas ao desenvolvimento futuro de Caxias do Sul foi considerada por todos como de fundamental importância, e aprovada por unanimidade.

Dada a importância do tema, entende-se ser necessário analisá-lo com cuidado, de modo que a realização deste evento venha a obter os resultados desejados. Assim, a formatação do mesmo será elaborada no decorrer das próximas semanas, na medida em que os Srs. Conselheiros possam analisar o tema e enviar suas sugestões. Ficou acordado também que, neste tempo, será analisado o projeto da Prefeitura Municipal (Caxias – 2030), para que o mesmo seja considerado no trabalho que será desenvolvido.

2. Desempenho Econômico – Maio/2011:

A análise do Desempenho Econômico de Caxias do Sul, apresentado em coletiva de imprensa, na última reunião de Diretorias Departamentais, e agora aos Srs. Conselheiros, mostra um quadro de franca desaceleração econômica. Embora os números acumulados ainda apresentem um desempenho expressivo, a evolução nos últimos meses não tem sido suficientemente forte para manter o ritmo apresentado no ano anterior.

É importante, no entanto, compreender o quadro que se apresenta. Desaceleração não significa queda no nível da atividade econômica. O que se observa, na verdade, é uma redução na intensidade do crescimento econômico, que atingiu um nível excepcional em 2010. Porém, a atividade econômica atingiu nos últimos meses seu patamar mais elevado da série iniciada em 2005, como se observa nos gráficos que integram a apresentação dos resultados.

3. Sistemas de Previsão:

Conforme havia sido solicitado pelo Conselho na última reunião, a Assessora Sra. Nara Panazzolo apresentou seus trabalhos no desenvolvimento de um sistema de previsão econômica, elaborados ao longo dos últimos meses. Este trabalho é importante para a Diretoria e para o Conselho, e em especial para a CIC, por se constituir no primeiro sistema desenvolvido baseado em critérios técnico-estatísticos, e que virá a substituir o atual critério baseado mais no sentimento e na experiência dos integrantes da Direção da entidade.

O modelo está baseado em técnicas de regressão linear, que utiliza os dados anteriores para avaliação e projeção do desempenho futuro. Como são utilizadas várias séries estatísticas, o sistema fornecerá uma faixa de variação provável na qual deverá se situar o provável desempenho futuro, dando mais confiabilidade ao processo. Embora esteja ainda em fase inicial e testes, o sistema indica a continuidade da desaceleração econômica. Aprimoramentos serão implementados à medida que o sistema for sendo utilizado.

Para melhor entendimento, um documento será elaborado pela Nara, contendo uma descrição do mesmo.

Também está em andamento um outro método de previsão, baseado em números índices, o qual será apresentado na próxima reunião.

4. Indicadores Antecedentes:

Este é um outro método de previsão, que vem sendo utilizado internacionalmente desde 1937. Baseia-se na propriedade que têm algumas variáveis econômicas de dar indicativos quanto ao comportamento futuro de outras variáveis. Trata-se, portanto, de ferramenta útil e relevante no arcabouço de avaliação de tendências futuras da economia, e será importante para fundamentar as avaliações e posições da entidade.

Este trabalho está iniciando-se neste momento, e o ponto de partida será o envio de material e informações coletadas pela nossa Assessora para os Senhores Conselheiros, para que os mesmos possam estudar e avaliar o assunto.

A CIC, desta forma, passa a incluir-se entre aquelas entidades e organizações que buscam utilizar o conhecimento econômico-financeiro e estatístico mais avançado para os seus trabalhos e decisões.

5. Situação Econômica:

A situação econômica mundial mereceu especial atenção do Conselho, pela preocupação existente em todo o mundo pela situação atual, e seus possíveis

desdobramentos, da crise que está sendo vivenciada pela Grécia, e da possibilidade de que outros países, Itália, Portugal e Espanha, entre outros, possam também seguir pelo mesmo caminho.

O problema nasceu há várias décadas, quando o sistema bancário internacional, com excesso de liquidez decorrente dos chamados petro-dólares, passou a emprestar diretamente para países, gerando o que se convencionou chamar de “dívida soberana”. Com o passar do tempo, esta dívida foi aumentando, com base no paradigma de que tais dívidas não teriam risco significativo por que “países não podem ir à falência”. A dívida aumentou ainda mais quando os governos dos países passaram a dar garantias a empréstimos contratados por empresas estatais e até mesmo privadas (novamente “risco soberano”), e, principalmente, nos anos mais recentes quando, em decorrência da crise de 2008/09, os déficits governamentais da maioria dos países, deram um salto significativo, atingindo níveis a que antes nunca tinham chegado. Níveis estes que, no momento atual, passaram a colocar em dúvida até mesmo a capacidade de pagamento da maior economia do mundo, a dos Estados Unidos, cuja classificação de risco está sob ameaça de rebaixamento em função das dificuldades que vem sendo encontradas pelo governo americano de aprovar um aumento do limite de endividamento do país no Congresso. A não aprovação poderá levar o país a uma situação não imaginada no último século, de colocá-lo em situação de “default” (inadimplência). Esta possibilidade, se vier a se materializar, irá provocar uma cadeia de eventos de grandes e indesejáveis proporções econômicas em todo o mundo.

O fato é que o mundo está vivendo uma situação única, e de proporções até mesmo desconhecidas: de um lado, o sistema bancário (particularmente o europeu) enfrenta a possibilidade de calote na Grécia, que poderá se espalhar para outros países (“efeito dominó”), e causar um colapso do sistema; de outro, a principal economia do mundo, com uma dívida da ordem de US\$ 14 trilhões, e até hoje considerada a de menor risco no mundo, mostra-se também vulnerável, diante da mesma possibilidade de calote.

Estamos, portanto, diante de um momento histórico. O velho paradigma de que “países não quebram” e de que “dívidas de governos não são feitas para serem pagas mas roladas” está sendo quebrado. Os credores estão batendo às portas dos governos, e cobrando o pagamento das contas que devem, ou, pelo menos, que apresentem planos factíveis de redução de despesas que comprovem suas capacidades de pagamento. O que exigirá sacrifícios políticos, econômicos e sociais. O tão alardeado “welfare state”, em grande parte financiado pelos empréstimos bancários, está em cheque, e é muito provável que venhamos a assistir ao seu desaparecimento, e sua substituição por um modelo de menor prodigalidade e menor custo, em linha com a real capacidade econômica de cada

país. A alternativa de não fazer nada e continuar a gerar déficits fiscais enormes (cerca de 13 % no caso da Grécia) poderá levar a um ponto de ruptura num futuro não muito distante, com consequências ainda mais nefastas. Uma pequena idéia do que poderá vir a acontecer, numa situação como esta, pode ser vista olhando o que aconteceu com a Argentina no início dos anos 2000, quando aquele país quebrou, gerando um grave problema econômico e social na sequência. Levado o problema a nível mundial, é fácil compreender os riscos e a gravidade do momento atual, e de seus possíveis desdobramentos futuros.

6. Avaliações e Projeções:

Dado o quadro descrito no item anterior, dois cenários podem ser considerados.

No primeiro cenário, o aumento da dívida americana é aprovado, e o risco de “default” dos Estados Unidos é afastado. E os planos governamentais dos países europeus para reduzir os déficits são aprovados e acreditados pelo mercado financeiro. Este é, sem dúvida, o cenário otimista, em que as crises são afastadas, e, junto com elas, os temores de calotes.

O segundo, menos otimista, é aquele em que as crises não conseguem ser totalmente afastadas, e os riscos de calotes permanecem, levando a desdobramentos desfavoráveis.

Mesmo no primeiro caso, a aprovação de limites mais altos de dívida provavelmente não deverá ser conseguida pelo governo americano sem a adoção de “medidas compensatórias”, entre as quais a possível exigência de redução dos déficits do país, o que poderá implicar na redução do ritmo do crescimento econômico, que já se encontra em nível baixo, podendo vir a resvalar para uma recessão.

Obviamente, no segundo caso, a evolução deverá ser mais grave.

A opinião deste Conselho, na maioria de seus integrantes, é de que o primeiro cenário deverá prevalecer, não estando totalmente afastada, porém, a possibilidade de vir a ocorrer, ao menos em parte, o segundo cenário.

Não há dúvidas de que, em qualquer dos casos, os reflexos se farão sentir no Brasil, a magnitude dos quais não são ainda claramente mensuráveis. O que parece claro, porém, e que vem sendo afirmado pela maioria dos analistas, é de que deverá haver redução do crescimento econômico, o que já vem-se observando ao longo dos meses mais recentes, como, por exemplo, nas estimativas de crescimento do PIB, no início acima de 5 % neste ano, e atualmente em torno de 4 % (ou menos) para 2011.

Portanto, o Conselho sugere que a Presidência da entidade se pronuncie a respeito do assunto, alertando a classe empresarial e sugerindo a adoção de medidas de prudência e estratégicas compatíveis com a situação.

Oportunamente, o Conselho deverá manifestar-se sobre as suas previsões para este ano para a economia de Caxias do Sul, após serem conhecidos os resultados do primeiro semestre, e após elaboradas as projeções com base nos sistemas acima descritos.